

Um Éden no Leste? A União Soviética segundo Frei Betto¹

Marcelo Timotheo da Costa

Neste ano, completam-se duas décadas da destruição do Muro de Berlim, ao mesmo tempo marco inicial e evento-símbolo da *débaçle* do chamado “socialismo real”. Derrocada que motivou variadas análises críticas desta experiência histórica, muitas delas apresentadas como definitivas. Análises que anunciavam – e, em considerável número, celebravam – a derrota dos ideários de esquerda, tida por irreversível.

Ainda no rescaldo da turbulência que se seguiu ao desmonte das repúblicas populares do Leste Europeu, Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido pelo pseudônimo Frei Betto (n. 1944), frade dominicano, militante político e divulgador da Teologia da Libertação latino-americana, propôs-se inventariar o legado dos movimentos esquerdistas e também seu futuro. Inventários realizados a partir da vivência pessoal, construída em várias visitas do religioso brasileiro a países socialistas. Vivência registrada no livro *O paraíso perdido: nos bastidores do socialismo*. Obra que terá suas seções sobre a antiga URSS debatidas nas próximas linhas. Trata-se aqui, portanto, de acompanhar como Frei Betto interpretou a crise do regime soviético à luz de suas crenças religiosas e políticas.

Ad Theophilum

O paraíso perdido foi lançado em outubro de 1993. Em meio à perplexidade e decepção prevalentes entre as forças progressistas, o título do livro parece oferecer conveniente epitáfio para as idéias de esquerda, inclusive aquelas produzidas pela Teologia da Libertação e seu cristianismo contestador. Porém, estaria mesmo

a obra em questão sintonizada com os que entoavam o coro de réquiem para o socialismo?²

A resposta de Frei Betto é dada ao longo do texto de *O paraíso perdido*, onde o tradicional gênero literário de viagens toma emprestado imagens e discurso próprios da proclamação de fé. O parágrafo inicial de *O paraíso perdido* evidencia tal fusão discursiva:

Visto que muitos já tentaram compor uma narrativa de fatos vividos, presenciados e sabidos por tantos que visitaram países socialistas, a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação e grande esforço mnemônico, escrever-te de modo ordenado, ó querido Teófilo, para que verifiques a profundidade, bem como a ironia dos ensinamentos da história (Frei Betto, 1993:15).

Ao conhecedor do universo cristão, o trecho e o vocativo (“querido Teófilo”) nele contido não deixam margem para dúvidas. O intento declarado de Frei Betto, inventariar experiências de viagem em terras socialistas, será desenvolvido a partir de modelo bem definido.³ O frade, no citado parágrafo inaugural de sua obra, evoca e, à sua maneira, mimetiza técnica característica de célebre dupla de livros sacros cristãos. São eles o Evangelho atribuído a Lucas e os Atos dos Apóstolos, peça literária, aliás, creditada ao mesmo Lucas.

Conforme se sabe – conhecimento, evidentemente, difundido entre parte significativa do público de Frei Betto –, os textos que a tradição cristã remete a Lucas apresentam prólogos onde o autor se dirige a interlocutor nomeado apenas como “Teófilo”.⁴ O mesmo faz o dominicano brasileiro, invocando Teófilo, sem fornecer maiores detalhes sobre tal personagem. Vale acrescentar que a invocação é repetida por diversas vezes em *O paraíso perdido*, conferindo tom dialogal ao livro.⁵ Há mais. Frei Betto ao, deliberada e repetidamente, optar por seguir modelo consagrado na literatura cristã, realiza uma espécie de *espelhamento* entre a história canônica dos primeiros tempos da Igreja e o livro pelo qual descreve suas viagens por países socialistas.

O recurso inicial e contínuo a Teófilo – e, por extensão, ao cânone cristão – é revelador. Porém, o movimento realizado por Frei Betto (isto é, fornecer chaves de leitura para *O paraíso perdido*) não pára aí. Em ação complementar, o autor, novamente nas páginas iniciais do livro, registra outra e preciosa pista para a compreensão de seu trabalho.

Refiro-me à dedicatória de *O paraíso perdido*, oferecido a Paulo Vannuchi – sem que nada mais seja dito sobre ele. Silêncio prenhe de sentido, bem de acordo, aliás, com certa tradição exegética cristã. Vannuchi, jornalista e ativista político de esquerda, desempenhara importante papel na conscientização e sindicalização de operários no

ABC paulista, durante os anos 1970. Desde então, esteve próximo da principal figura do novo sindicalismo brasileiro, Luís Inácio Lula da Silva, participando igualmente da fundação do Partido dos Trabalhadores. Nos dias atuais, Paulo Vannuchi ocupa a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da presidência da República, com *status* de ministro de Estado.⁶

Identificação feita, a dedicatória adquire grande importância na economia de *O paraíso perdido*. Acredito que, por intermédio da homenagem ao engajado Vannuchi, Frei Betto define um *novo Teófilo*. Decorre daí *novo espelhamento*, que complementa o cotejo já mencionado entre a literatura cristã primitiva e *O paraíso perdido*, cotejo viabilizado pela evocação de Teófilo. Ofertando seu livro a Vannuchi, Frei Betto completa seu recado ao leitor contemporâneo. Se, como foi dito,⁷ o Teófilo a quem se dirige Lucas em seu Evangelho pode ser visto como personagem único e também identificado com toda a comunidade cristã primitiva, o Teófilo redesenhado pelo frade brasileiro poderia representar mais que um militante tomado por paradigmático. Desta forma, em *O paraíso perdido*, Frei Betto se dirige a todo aquele que, como Paulo Vannuchi, comunga de idéias progressistas. Enfim, diante de todos que se encontram na mesma trincheira e a todos os homens de boa vontade (para utilizar expressão bem cara ao universo cristão), Frei Betto pretende dar seu testemunho pessoal quanto à conturbada e, mais que nunca, contestada experiência socialista no século XX.

Peregrinantibus mecum

O paraíso perdido reúne relatos de viagens, itinerários por países e continentes diversos. Percursos vários, unidos pelo objetivo do autor: observar de perto nações socialistas ou de governo popular (como o frade classifica o governo sandinista nicaraguense). O leitor acompanha os deslocamentos de Frei Betto: de Cuba à China, da Nicarágua à Europa do Leste. Nas páginas relativas a este último destino, destacam-se as seções do livro a serem debatidas aqui: aquelas dedicadas às quatro viagens que Frei Betto realiza à então URSS – mais precisamente, em maio de 1986, fevereiro de 1987, junho de 1987 e julho de 1988.

Na maioria de seus capítulos, *O paraíso perdido* se ocupa da América Latina, descrevendo viagens a Cuba e a Nicarágua sandinista. Assim é desde o princípio. O livro se inicia com o autor sob as nuvens, no avião que, sobrevoando campos costarriquenhos, rumava a Puebla, México, onde, no início de 1979, aconteceu a 3^a. Conferência dos Bispos da América Latina.⁸ Corriam os últimos dias da guerra civil na Nicarágua e Frei Betto, antes de chegar em terras mexicanas, iria passar por San José da Costa Rica, “principal base de apoio de jovens nicaraguenses que conspiram para derrubar a ditadura da família Somoza, no país vizinho” (op. cit.:17).

Em San José, Frei Betto se encontra com Hugo Assmann, ex-padre católico, exilado político brasileiro; e com os padres Ernesto Cardenal, futuro ministro de

Estado no governo sandinista, e José Antonio Sanjinez, jesuíta espanhol que “diplomara-se em teologia pela sacratíssima Universidade Gregoriana de Roma” (op. cit.:18) e deixara o sacerdócio pela guerrilha. Ao se posicionar sobre a troca, Frei Betto constata: “Mas não creio, venerável Teófilo, que tenha perdido a Companhia de Jesus. Bem sabes que Deus é arisco” (id. ib.). De Cardenal vai ouvir e, depois, consignar em sua obra: “A única mensagem do Evangelho é a revolução, que ele chama de Reino de Deus – ou dos Céus, em [no Evangelho de] Mateus” (id. ib.). O trecho, forte em si, possibilita que, pela boca de Cardenal, o frade brasileiro informe suas próprias eclesiologia e inserção no mundo da política, ambas elaboradas na realidade conflitiva da América Latina, pelo cristianismo de libertação. Cristianismo que, não dissociando mística e ação pública, se apresenta como revolucionário, divisando, na figura histórica de Jesus Cristo, um reformador religioso e social, aliado radical dos mais pobres em sua luta de libertação.⁹ Frei Betto, ao abrir seu texto relatando seus encontros com o sacerdote guerrilheiro José Antonio Sanjinez e o líder sandinista e também padre Ernesto Cardenal, antecipa as opções de fé e militância assumidas por significativo grupo de cristãos latino-americanos. Escolhas que serão reafirmadas pelo viajante anos mais tarde, na URSS. Confirmação importante para se entender a própria experiência de Betto em solo soviético.

An ex lux oriente venit?

Cumprir apontar outro ponto marcante de *O paraíso perdido*: sua ênfase na noção de intimidade. O subtítulo da obra é claro a este respeito: *nos bastidores do socialismo*. Trata-se de mais uma característica da prosa cristã, especialmente da escrita biográfica cristã.¹⁰

Familiaridade permitida pelos valiosos contatos que Frei Betto cultivou, ao longo dos anos, com governos de esquerda (sua proximidade com Fidel Castro, por exemplo, é de amplo conhecimento público). Intimidade também decorrente de contatos mantidos pelo dominicano junto à sociedade civil de nações socialistas.

O caso da URSS é particularmente emblemático: em todas as quatro idas à União Soviética, nosso autor encontra-se com lideranças religiosas, sendo que, nas três primeiras viagens, o convite parte da Igreja Ortodoxa Russa. Assim, em maio de 1986, ele é chamado por Philaret, metropolita de Minsk e Bielorrússia e chefe da seção encarregada de assuntos ecumênicos do Patriarcado de Moscou. Em fevereiro de 1987, é o metropolita ortodoxo Yjuvenaliy quem convida Frei Betto.¹¹ Já em julho de 1987, a convocação vem da Igreja Ortodoxa e do estatal Conselho de Assuntos Religiosos.¹²

Frei Betto apresenta-se, portanto, como alguém que vivenciou o cotidiano de sociedades socialistas e não como um turista qualquer. Mesmo quando há espaço para atividades turísticas, o brasileiro é conduzido em condições privilegiadas. No caso de sua primeira visita ao Kremlin, Frei Betto faz parte do grupo (de 11 pessoas)

recebido pelo presidente da Câmara do Soviet Supremo, “camarada Tolkúnov” (op. cit.:196). Em outras ocasiões, desfruta da hospitalidade de religiosos ortodoxos.

Assim é quando vai até Súzdal, “cidade sagrada”, considerada berço da língua e da nacionalidade russa, onde o arquiandrita (superior de mosteiro ortodoxo) Valentin oferece a Frei Betto e seu grupo (do qual também faziam parte, entre outros, os irmãos Leonardo e Clodovis Boff) “um almoço principesco em sua dacha de madeira” (op. cit.:250). O mesmo ocorre quando o dominicano visita o célebre mosteiro de Pskov, comunidade monacal que deu à Igreja Ortodoxa dois patriarcas, “papas da Igreja Ortodoxa Russa [...] entre os quais o atual, Pimen.”¹³ Na então Leningrado, é recebido na Academia Teológica pelo reitor Nikolai Gundiaev.¹⁴ Ainda nesta cidade, Frei Betto vale-se da atuação conjunta de Igreja e Estado: “Ciceroneado por guias oficiais contratados por padres ortodoxos, percorro os lugares históricos de Lênin” (op. cit.:198). Porém, mesmo em tempo de distensão, há lugar para o conflito entre autoridades eclesiais e soviéticas. Lembrando de sua primeira viagem a Moscou, Frei Betto escreve:

Convidam-me a uma audiência privada com Konstantin Mikhailovich Khar-tchev, presidente do Conselho para Assuntos Religiosos, anexo ao Conselho de Ministros da União Soviética. Padre Alexander Zhiliyev, que me acompanha, tenta entrar na entrevista mas é barrado. (Portanto, a Igreja Ortodoxa ficará sem saber o que seu hóspede tratou com autoridade soviética).¹⁵

O informe de atritos entre dignitários eclesiásticos e membros da *nomenklatura*, além de retratar os ainda difíceis contatos entre ambos os grupos, acaba por conferir maior peso a nosso viajante, que mantém bom trânsito com ambas as partes envolvidas. Cabe, a propósito, esclarecer as razões que fazem de Frei Betto personagem bem visto pelos representantes do clero ortodoxo e altos funcionários do regime comunista. Aos olhos dos primeiros, *ele é*, antes de tudo, *um frade*, mesmo que vinculado a Roma, Sé Apostólica da qual número significativo das Igrejas de rito oriental havia se separado, no distante século XI.¹⁶ E, para os filiados ao Partido Comunista da União Soviética, o brasileiro é interlocutor benquisto *mesmo sendo um frade*, por estar perfilado entre as hostes de esquerda.¹⁷ Vale ainda dizer que o livro *Fidel e a religião*, uma longa entrevista concedida por Castro ao dominicano brasileiro, em muito contribuiu para que Frei Betto fosse avaliado, entre comunistas e cristãos, como alguém útil para a manutenção do diálogo entre as partes.¹⁸

Retorno ao registro de familiaridade que Frei Betto imprime em *O paraíso perdido*. É curioso descobrir que, apesar das facilidades franqueadas na URSS, ele vivencia desapontamentos dignos de menção. À primeira vista, seu encontro falhado com Mikhail Gorbachev, no final da solenidade de encerramento de fórum internacional, constitui o melhor exemplo.¹⁹

Todavia, de maior relevo para a compreensão de *O paraíso perdido* (e especialmente de sua apresentação sobre a URSS) são outros desencontros vivenciados pelo dominicano, em suas temporadas soviéticas. Estranhamentos que lhe dão ideia mais fiel da distância existente entre ele (sua eclesiologia e militância) e interlocutores de peso na URSS. De outra forma: *ao contrário do que a aparente proximidade entre o viajante e seus anfitriões* (sejam religiosos ortodoxos, unidos ao frade pela fé cristã comum; sejam homens vinculados a nosso autor pelo projeto socialista) *possa sugerir, o leitor, à medida que a narração avança, constata que Frei Betto vai vendo sua condição de estrangeiro acentuada*. Sendo mais específico, refiro-me a desencontros com membros da *intelligentsia* laica local e com teólogos e clérigos da Igreja Ortodoxa Russa.

Na esfera eclesial, o distanciamento se revela em ocasiões plurais. Basicamente, Frei Betto registra o choque entre visões de Igreja bem diversas – onde o ponto de vista ortodoxo guarda maior identificação com os posicionamentos do Vaticano, em detrimento de proposições advindas dos teólogos da libertação latino-americanos.

No texto, sucedem-se os conflitos entre Betto (e alguns de seus companheiros de trincheira teológica) e os representantes da Igreja local. Ao descrever, por exemplo, os templos e edificações religiosas da Rússia, o visitante assinala sua magnificência. Registro ambíguo: a beleza é exaltada; a ostentação, criticada. O frade chega a comentar com um de seus cicerones: “Agora entendo por que o governo deste país é ateu” (op. cit.:202). A crítica ao excessivo luxo dos templos, católicos inclusive, é recorrente entre os partidários da Teologia da Libertação – não sem motivo, a Catedral de São Isaac, em Leningrado, é comparada por Betto à Basílica de São Pedro romana.²⁰

O mesmo se dá em reuniões com o clero, muitas vezes ao redor de farta mesa. Para o viajante, são inesquecíveis demonstrações culinárias, minuciosamente reportadas e merecedoras de elogios quanto ao sabor e variedade. Porém, impressionado com o banquete oferecido por Philaret, em sua dacha no rio Moscou, Frei Betto não deixa de se perguntar: “Fico matutando como as pessoas, num país predominantemente ateu, devem encarar o fato de um representante de Jesus de Nazaré exibir tamanho fausto” (op. cit.:237). Em Pskov, no lauto lanche das cinco, ele descreve o abade sendo servido por seminaristas, como um príncipe seria, na Corte, por serviçais.²¹ O viajante evoca afirmação do religioso ortodoxo: “O mosteiro é um pequeno Estado, assim como o Vaticano – diz ele com jeito de senhor feudal.”²² Cotejo entre as situações privilegiadas de Pskov e da Sé de Roma que, para um adepto da Teologia da Libertação, despertava mais críticas que admiração.

Do lado ortodoxo, da mesma maneira, há reações de censura em relação ao modelo eclesial progressista. Em Pskov, o abade questiona o visitante: “Ele estranha que eu, como monge, não traga nenhum sinal exterior, exceto a pequena cruz fixada sobre a gola do paletó” (Frei Betto, 1993:208). Repete-se, assim, pela voz do monge ortodoxo, a reprimenda vaticana aos sacerdotes católicos que não usavam a batina.²³ Em outra ocasião, em debate com representantes da Igreja Russa, são feitas objeções

mais incisivas quanto à Teologia da Libertação. Do lado ortodoxo, postavam-se sete altos dignitários, entre eles os metropolitas Philaret e Yuvenaliy. Representavam a teologia latino-americana progressista o próprio Betto, os irmãos Leonardo e Clodovis Boff, o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira, entre outros. Neste encontro, quase uma cúpula entre duas eclesiologias distintas, os ortodoxos reproduzem a posição de Roma sobre a Teologia da Libertação, acreditando ser esta última muito política. O dominicano brasileiro resume:

Os teólogos ortodoxos não parecem entender e muito menos absorver o que falamos. Têm uma teologia fixista, desconhecem a situação da América Latina, repudiam o marxismo e acatam o socialismo como fatalidade. E temem que criemos uma dissidência na Igreja de Roma (Frei Betto, 1993:238).

Deve ser dito que Frei Betto e seu grupo terão colóquio menos tenso e mais confluyente com teólogos ortodoxos, na Academia Teológica de Leningrado, durante a terceira visita à URSS, em julho de 1987.²⁴ Contudo, Betto ainda registra mal-estar e até certa estupefação da parte dos anfitriões, quando Leonardo Boff declara que a sociedade socialista antecipa, ao menos em princípio, características do Reino de Deus. Assertiva que, anota Frei Betto, deixa um de seus interlocutores “atônito [...] de olhos arregalados” (op. cit.:244). Permanece, pois, entre cristãos ortodoxos russos e cristãos progressistas latino-americanos, o estranhamento mútuo.

Impressão que é confirmada, um ano depois, na última ida de Frei Betto àquele país. Desta feita, ao se avistar com o professor de Patrologia, Ckypam Kohciahiuh, na Academia Teológica de Zagorsk, apresentada como “a Roma dos ortodoxos russos”, a polêmica versa sobre o papel da mulher na Igreja. “Todos nós, homens e mulheres, seremos iguais no Reino de Deus”, diz o professor. O visitante retruca: “E por que não iniciamos esta igualdade aqui?” A resposta ortodoxa, novamente bastante similar à opinião de católicos romanos conservadores, apela para determinada leitura do que seria a vontade divina: “O fato de a mulher não ser sacerdote, bispo ou Patriarca em nossa Igreja, ou papa na de vocês, é um mistério do desígnio de Deus [...]”²⁵

Entre a intelectualidade laica, o desencontro também se dá, mesmo que por razões diferentes das vistas acima. Tal ocorre por duas vezes, ambas no moscovita Instituto da América Latina da Academia de Ciências da União Soviética, “uma espécie de laboratório ideológico” (op. cit.:213). Ali, diante de público seletivo – toda a audiência de conceituados investigadores domina a língua espanhola –, a Teologia da Libertação latino-americana é debatida, permanecendo, no entanto, incompreendida:

Para muitos, é surpreendente ouvir um discurso libertador a partir de categorias teológicas e de uma prática fundada na experiência cristã. Há muitas

perguntas [...] Nos olhos dos cientistas o preconceito é visível, como se estivessem obrigados a perder seu precioso tempo com um frade de cabeça repleta de mitos (Frei Betto, 1993: 213).

Mesmo contabilizando a simpatia de alguns, em clara minoria, da experiência resulta frustração emblemática: “É como se interrogassem um ET”, diz o brasileiro (id. ib.).

Em outra viagem e ocasião, o contato é repetido. A desilusão, também. Novamente, Betto (desta feita, acompanhado pelos já citados irmãos Boff e demais companheiros cristãos progressistas) tenta explicar os fundamentos da Teologia da Libertação e, uma vez mais, os cientistas oferecem muita resistência. Os acadêmicos soviéticos chegam, curiosamente, a elaborar perguntas que poderiam ter sido formuladas por católicos de eclesiologia conservadora: “Roma aprova a teologia da libertação?”; “E os ricos não devem ser evangelizados?”. As opiniões ouvidas seguem no mesmo rumo: “Entendo o trabalho de vocês e a defesa dos oprimidos, mas como cristãos vocês não podem recorrer à violência.” Por fim, a afirmação que dá a medida do desencontro: “O arcebispo de El Salvador [D. Oscar Romero, morto, na década de 1980, por paramilitares de direita] não teria sido assassinado se não se envolvesse em política.”²⁶ Tamanho desentendimento produz nos visitantes brasileiros a sensação de estarem numa assembléia de clérigos conservadores.

Divergência profunda de pensamento, junto a interlocutores importantes e cultos, homens da Igreja e da Academia. De acordo com o discurso de Frei Betto, as temporadas soviéticas parecem reservadas ao amargor dos desencontros. Decepção exemplarmente expressa em singular trecho de *O paraíso perdido*. Na aparência, trata-se de relato deslocado, quase burlesco – mas, ao contrário, bastante ilustrativo. Refiro-me à narração da noite em que o grupo de visitantes brasileiros, do qual Betto faz parte, coloca-se em apuros, nos subterrâneos de Moscou, em 1987. Após improvável festa de Carnaval (no mês de julho!), em casa de diplomata brasileiro, Frei Betto e seus amigos se perdem no metrô, ao tentarem retornar ao hotel sem cicrones. Incapazes de achar o rumo devido, todos se dão conta da aflitiva situação:

Fitamos o mapa sobre a porta [do vagão do metrô] e não entendemos bulhufas do alfabeto russo [...] Tentamos todos os idiomas com os poucos passageiros que viajam a nosso lado. Pedro [Ribeiro] fala em francês, Leonardo [Boff] em alemão, Clodovis [Boff] em italiano, Jether [Ramalho, sociólogo protestante progressista] em inglês e eu em espanhol, sem contar umas tantas palavras em latim e grego (Frei Betto, 1993: 239).

Inútil e babélica performance diante de moscovitas monoglotas. Vivência que faz o autor de *O paraíso perdido* invocar imagem já utilizada (para explicar o que sen-

tira ao expor suas idéias na Academia de Ciências): “Todos nos olham aparvalhados, como se tivéssemos descido de uma nave espacial” (id. ib.).

Enfim: *estranhamento, distância, sensação de ser radicalmente estrangeiro*. Vale o paralelo com evento bem mais célebre, dado em outra estação (de trens): o grupo de brasileiros (cristãos progressistas, que encontram pouco eco na sociedade soviética) desembarca, tarde da noite, no metrô da capital da URSS, em uma espécie de “anti-estação Finlândia”.

Contra spem in spem creditit

Para além das decepções pontuais, o livro, ele mesmo, olhado em conjunto, pode ser tomado como o inventário de uma decepção. Afinal, como foi dito anteriormente, se o texto de *O paraíso perdido* é aberto sob os auspícios da cada vez mais próxima vitória sandinista, seu encerramento dá conta do “*Voo de Solidariedade a Cuba*”.²⁷ Voo realizado ainda sob o impacto da derrota de Daniel Ortega para Violeta Chamorro, no pleito presidencial nicaraguense de 1990.

Para utilizar termo tão caro à tradição cristã, haveria redenção para o sonho socialista? É possível haver socialismo após 1989? Acredito que *O paraíso perdido* – conjunto de relatos de viagem, ele próprio percurso literário – proclama, a sua maneira, de acordo com a fé de seu autor, a esperança nos ideais progressistas.

Circundado por verdadeiro turbilhão de más notícias, do Caribe e da América Central às estepes russas, Frei Betto, observando a realidade desalentadora pelas lentes da fé – cristã e socialista –, opta por manter a esperança. Nas páginas finais de *O paraíso perdido*, lê-se: “O socialismo é a única possibilidade – aritmética – de a humanidade sobreviver neste planeta de recursos limitados, porém abundantes, desde que repartido por todos. Mas não haverá futuro para o socialismo sem a ética do amor que dilata corações e mentes” (Op. cit.: 417).

E vai além: “Para mim, querido Teófilo, o socialismo deixou de ser um mito. Apagou-se a imagem paradisíaca que ele projetava, restando entretanto a certeza de que a socialização dos bens é a única via capaz de arrancar a humanidade dessa longa etapa em que a vida de uns se nutre da morte de outros” (Id. ib.).

Trechos que confirmam a (particular) identidade cristã de seu autor. Pode-se dizer que, em *O paraíso perdido*, Frei Betto está “esperando contra toda a esperança”.²⁸ Atitude alimentada por leitura agregativa do cristianismo e do ideário de esquerda. Fusão capaz de aglutinar projetos. De um lado, aqueles do socialismo renovado, depurado de equívocos, como os apontados no modelo soviético, no balanço final do livro aqui analisado: ditadura do Partido Comunista, falta de mecanismos de participação popular, censura, visão por demais dogmática da doutrina marxista – petrificada numa espécie de fundamentalismo religioso.²⁹ Em comunhão de ideais com as forças socialistas a serem revivificadas, o autor dispõe a Igreja popular, as-

sembleia que congrega os fiéis que descobrem, na eucaristia, “o mais socialista dos sacramentos da Igreja” (Boff e Frei Betto, 1994:41).³⁰

Unem-se, sob a ótica dos teólogos de libertação, duas teleologias, o reino da liberdade sonhado por Marx e o Reino de Deus cristão. Então, *O paraíso perdido*, bem longe de compor o hino fúnebre das ideias de esquerda, visa contribuir para seu avanço. Para tanto, como Frei Betto assevera a Teófilo e a cada um de seus leitores, é necessário conhecer “[...] a profundidade, bem como a ironia dos ensinamentos da história” (Op. cit.: 1993:15).

Esta, portanto, não terminou com o desmantelamento da URSS e do socialismo real. Ao contrário, para o cristão (e socialista) Frei Betto, é necessário perscrutar o sentido dos processos históricos, discernir o caminho, conhecer erros e acertos dos movimentos progressistas e populares, no claro-escuro dos acontecimentos.

Ao final de *O paraíso perdido*, como já citado anteriormente, seu autor afirma que o socialismo deixava a condição mitológica, extinguindo-se a imagem paradisíaca por ele projetada. No entanto, creio, é do próprio texto do Gênesis judaico-cristão que vem a melhor síntese daquilo que estaria em jogo para o militante comprometido com o programa de ação das esquerdas. A ele, tal como fez o Deus judaico-cristão retratado na Escritura, caberá dar ordem ao caos, separando trevas e luz.

Marcelo Timotheo da Costa

Professor da Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO
e da Faculdade São Bento do Rio de Janeiro
timotheo@unisys.com.br

Notas

1. Em memória de Icyliya Gaspar da Silva, que amava os girassóis, vindos da Rússia ou não.

O presente texto é a sistematização de comunicação realizada no Simpósio “A Literatura Russa na Convergência da História e da Crítica”, da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), evento coordenado pelos professores Daniel Aarão Reis Filho e Bruno Gomide, em julho de 2008. A eles, ao professor Noé Silva e ao grupo de eslavistas ali reunido, meu agradecimento pela gentil recepção conferida a um “estrangeiro” como eu.

2. Vale lembrar que, em 1992, Francis Ford Fukuyama propôs, em *O fim da história e o último homem*, não apenas o término do socialismo, mas da própria História, com o triunfo final do liberalismo econômico e político. Em 1995, François Furet, ex-membro do Partido Comunista Francês durante a juventude, realiza contundente crítica aos postulados de esquerda em *O passado de uma ilusão*.

3. E, será visto adiante, retrabalhado por intermédio de especial ênfase no progressismo católico latino-americano.

4. Na página anterior ao índice do livro, seu autor transcreve trecho do célebre prólogo lucano: “Após fazer um estudo cuidadoso de tudo que aconteceu desde o princípio, também eu decidi escrever para você uma narração bem ordenada, excelentíssimo Teófilo.” (Op. cit.:8) Sobre Teófilo, muito já se disse. Contudo, apesar de várias sugestões exegéticas propostas ao longo do tempo, sua identificação permanece incerta. A título de ilustração, Teófilo tanto poderia ser um personagem histórico da comunidade cristã primitiva, bem como simbolizar todo o corpo de fiéis, já que seu significado original, vindo do grego, é “amado por Deus”. Há também quem faça leitura agregativa destas duas hipóteses (para tanto, ver BROWN, Raymond et al. *The New Jerome Biblical Commentary*. Nova Jersey: Prentice Hall, 1990. p. 678), proposta de interpretação que me parece bastante feliz.
5. Sobre as repetições sucessivas do nome Teófilo, ir, p. ex., às pp. 15, 16, 19, 27, 29, 33, 36, 37, 42, 45, 48, 59. Há muitas mais. Ainda sobre as repetições: elas são sempre adjetivadas, reforçando o tom de intimidade entre o autor e seu ouvinte modelar. Assim, Teófilo é chamado, às páginas citadas, respectivamente, de “afável”, “inspirado”, “desempreado”, “onírico”, “auspicioso”, “hierático”, “arguto”, “combativo”, “fervoroso”, “estimado”, “emérito”, “telúrico”.
6. Cargo no qual mantém-se em sintonia com demandas de movimentos sociais e entidades progressistas. Em 1º de dezembro de 2008, p. ex., Vannuchi reiterou declaração pública sobre a necessidade de se levar a julgamento aqueles que, durante a última ditadura brasileira, praticaram torturas. Ver <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u473823.shtml>, acessado em agosto de 2009.
7. Ver nota onde cito interpretação do *The New Jerome Biblical Commentary*.
8. Evento de grande importância no universo católico, tal encontro foi visto como o primeiro grande indicador das diretivas que o então novo papa João Paulo II (1978-2005) adotaria para a conturbada Igreja latino-americana. Importava, para muitos analistas, observar principalmente o posicionamento de Karol Wojtyła, pontífice vindo do Leste europeu e marcado pelo confronto com o regime socialista polonês, em relação à eclesiologia progressista católica formulada pelos teólogos da libertação.
9. Um dos pontos mais reiterados pelos teólogos da libertação, ao apresentarem Jesus Cristo, é a dupla incriminação sofrida por ele, no bojo do processo sumário que o leva à morte: blasfêmia (acusação religiosa) e subversão (acusação política).
10. Em estudo anterior, já mencionei a conexão entre intimidade e autoridade na obra memorialística de outro autor cristão, o intelectual leigo católico Alceu Amoroso Lima, também conhecido pelo pseudônimo Tristão de Athayde. Para maior detalhamento, ver *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. SP/RJ: Loyola/PUC-Rio, 2006. pp; 75-77.
11. Cf. in *O paraíso perdido*, pp. 192 e 227.
12. Cf. in op. cit., p. 237
13. Op. cit., p. 210. Pimen I chefiou a Igreja Ortodoxa Russa de 1971 a 1990, ano de sua morte.

14. Op. cit., p. 201.

15. Id. ib. O mesmo Konstantin Khartchev será responsável pela última das quatro viagens de Frei Betto à União Soviética. Khartchev, ainda encarregado de assuntos confessionais pelo regime, trabalhava, naquele momento, na elaboração da nova legislação da URSS sobre a liberdade religiosa e desejava ouvir o dominicano brasileiro. Cf. in op. cit., p. 293. Dele, Frei Betto guardará a impressão de tolerância e capacidade de compreensão do fenômeno religioso. Abertura que, paradoxalmente, levará Khartchev a se indispor, por razões diferentes, tanto com o Partido como com a Igreja Ortodoxa. Para este último ponto, cf. in op. cit., p. 295, nota de pé-de-página.

16. Para a imagem de Betto entre os religiosos ortodoxos, ver op. cit., p. 207. Sobre o “Grande Cisma do Oriente” e suas conseqüências, ver, p. ex., MEYER, Jean. *La Gran Controversia: las iglesias católica y ortodoxa de los Orígenes a nuestros días*. Barcelona: Tusquets Editores, 2006.

17. Acerca de possíveis preconceitos quanto a seu estado religioso diante de funcionários do governo soviético, op. cit., p. 191. Seja como for, a inserção eclesial progressista de Frei Betto acaba lhe conferindo tratamento diferenciado junto a interlocutores comunistas.

18. Há informações que *Fidel e a religião* – com impressionante vendagem mundial – teria, inclusive, caído no agrado do papa João Paulo II, crítico da Teologia da Libertação e notório adversário dos regimes socialistas. No entendimento do pontífice, o livro, *best-seller* em Cuba, teria facilitado o entendimento entre a Igreja e o Partido Comunista daquele país. O próprio autor, ao ser criticado por Lech Walesa por seu diálogo com o líder cubano, retrucou apontando o reconhecimento de bispos cubanos de que *Fidel e a religião* “[...] ajudou a trazer mais liberdade para os cristãos de Cuba.” (Op. cit., p. 263)

19. Tratava-se do *Fórum por um mundo sem armas nucleares e pela sobrevivência da humanidade*. Para o episódio, ver op. cit., pp. 231-34.

20. Id. ib.

21. Cf. in op. cit., p. 210.

22. Id. ib. Vale acrescentar que a refeição no mosteiro ortodoxo, tal como descrita por Betto, faz lembrar de determinados bispos católicos, em ambientes marcados pela tradicional eclesiologia de neocristandade, onde era comum associar o bispo à dignidade nobiliárquica. Riolando Azzi, autor ligado à Teologia da Libertação, abordou o tema no capítulo “O Episcopado: uma nobreza decadente” in *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo* (Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 578-596).

23. Em conversa privada com o autor destas páginas, Leonardo Boff lembrou que, em 1985, o então cardeal Ratzinger lhe fez pergunta semelhante. “Se utilizo batina ao entrar no ônibus, populares irão querer me ceder o assento”, teria respondido Boff ao purpurado alemão.

24. Cf. in op. cit., pp. 242-44.

25. Para todas as citações contidas neste parágrafo, ver as pp. 295-96.
26. Para as citações do parágrafo, op. cit., pp. 251-52.
27. Organizado por Frei Betto, Leonardo Boff e Chico Buarque de Holanda, no final de 1991, em meio à crise daquele país após o esfacelamento da URSS. Ver op. cit., p. 397 e seguintes.
28. Ou, em clássica citação eclesial: *Contra spem in spem credidit*, expressão retirada de Rm 4,18 (na Vulgata de Jerônimo) e já usada como título desta seção.
29. Cf. in op. cit., pp. 411-12.
30. A expressão foi retirada de livro um ano posterior a *O paraíso perdido*. Contudo, exprime pensamento há muito repetido pelos teólogos da libertação. Ver, sobre esse aspecto, Frei Betto, 1985, p. 74.

Referências bibliográficas

Texto-base

FREI BETTO [Carlos Alberto Libânio Christo]. *O paraíso perdido: nos bastidores do socialismo*. São Paulo: Geração Editorial, 1993.

Outras obras

AZZI, Riolando. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Tomo II/3-2. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOFF, Leonardo e FREI BETTO [Carlos Alberto Libânio Christo]. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BROWN, Raymond et al.. *The New Jerome Biblical Commentary*. Nova Jersey: Prentice Hall, 1990.

COSTA, Marcelo Timotheo da. *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2006.

FREI BETTO [Carlos Alberto Libânio Christo]. *Cristianismo e marxismo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Sinal de contradição*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

GABEL, John e WHEELER, Charles. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993.

MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: os atos dos apóstolos*. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja: de Lutero a nossos dias*. São Paulo: Loyola, 1997.

MEYER, Jean. *La gran controversia: las iglesias católica y ortodoxa de los Orígenes a nuestros días*. Barcelona: Tusquets Editores, 2006.

Resumo

O presente artigo analisa a experiência soviética de Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido como Frei Betto, frade dominicano, ativista político e divulgador da Teologia da Libertação latino-americana, de acordo com o registrado na obra *O paraíso perdido: nos bastidores do socialismo* (1993). Baseado em partes selecionadas do mencionado livro – aquelas referentes aos relatos de viagem de Frei Betto à União Soviética, durante os anos 1980 –, deseja-se discutir como o socialismo, o regime soviético e suas crises foram interpretados pelo frade brasileiro à luz de seu “cristianismo socialista”.

Palavras-chave

Literatura de Viagem; Cristianismo e Socialismo; Teologia da Libertação; União Soviética; Frei Betto.

Abstract

This article analyzes the Soviet experience of Carlos Alberto Libânio Christo (pseudonym Frei Betto), a Dominican friar, political activist and supporter of Latin American Liberation Theology, as registered in *O paraíso perdido: nos bastidores do socialismo* (1993). Based in selected parts of the mentioned book – those related to Frei Betto’s voyages to the Soviet Union during the 1980’s – the present text discusses how Socialism, Soviet regime and its crises were interpreted by the Brazilian friar in light of his leftist Christian beliefs.

Keywords

Travel account; Christianity and Socialism; Liberation Theology; Soviet Union; Frei Betto.